

Aloysio de Castro, neurologista esquecido, clínico consagrado

*Aloysio de Castro, Forgotten Neurologist,
Consecrated Clinician*

Aloysio de Castro, neurólogo olvidado, clínico consagrado

Gabriel Ronatty Tavares Santos¹,
Vitória Thame Amaral Curi Campos¹, Afonso Carlos Neves²

1. Alunos de Graduação em Medicina da Escola Paulista de Medicina-Unifesp. São Paulo-SP, Brasil.

2. Professor Afiliado da Disciplina de Neurologia EPM-Unifesp, Coordenador do Setor de Neuro-Humanidades. São Paulo-SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9124-3934>

Resumo

Aloysio de Castro (1881-1959) foi um médico, professor, escritor e músico brasileiro de destaque nesses campos. Sempre quando citado, é inevitável lembrar que era filho de Francisco de Castro (1857-1901) marcante médico, professor e escritor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O que nos chama a atenção sobre Aloysio de Castro é o fato de que sua atuação como clínico e professor de Clínica em medicina foram tão fortes que ofuscaram o aspecto peculiar dele ser, praticamente, um “neurologista”, ainda antes de haver neurologia instalada no Brasil institucionalmente. Este trabalho procura levantar os elementos que podem esclarecer melhor essa afirmação.

Unitermos. Aloysio de Castro; História da Neurologia; História da Medicina

Abstract

Aloysio de Castro (1881-1959) was a Brazilian physician, professor, writer, and musician with emphasis in those fields. Whenever he is cited, it is inevitable to remember his father Francisco de Castro (1857-1901), a remarkable Physician, professor, and writer in the Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. What calls our attention about Aloysio de Castro is the fact that his functions as clinician and professor of Clinics were so Strong that it obliterated the peculiar aspect that he was a “neurologist” yet before neurology be institutionally installed in Brazil. This article is on research about factors that can better clarify that affirmation.

Keywords. Aloysio de Castro; History of Neurology; History of Medicine

Resumen

Aloysio de Castro (1881-1959) fue un destacado médico, docente, escritor y músico brasileño en estos campos. Siempre que se menciona es inevitable recordar que era hijo de Francisco de Castro (1857-1901), destacado médico, profesor y escritor de la Facultad de Medicina de Río de Janeiro. Lo que llama la atención de Aloysio de Castro es el hecho de que su desempeño como clínico y profesor de Medicina Clínica fue tan fuerte que eclipsó el aspecto peculiar de ser, prácticamente, un “neuroólogo”, incluso antes de que la neurología se instalara en el mundo. Brasil institucionalmente. Este trabajo busca identificar los elementos que pueden esclarecer mejor esta afirmación.

Palabras clave. Aloysio de Castro; Historia de la Neurología; Historia de la Medicina

Trabalho realizado na Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo. São Paulo-SP, Brasil.

Conflito de interesse: não

Recebido em: 05/03/2024

Aceito em: 07/05/2024

Endereço para correspondência: Afonso C Neves. São Paulo-SP, Brasil. Email: afonso.neves@unifesp.br

INTRODUÇÃO

Aloysio de Castro (1881-1959) foi um médico, professor e escritor marcante nesses três campos em que atuou. Esse aspecto diverso é interessante, se pudermos observar a partir de duas das fontes de suas biografias que são a Fundação Oswaldo Cruz e a Academia Brasileira de Letras^{1,2}. Aloysio era filho de Francisco de Castro e de Maria Joana Monteiro Pereira de Castro. Seu pai foi um importante professor de Medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde era reverenciado como “Divino Mestre”. Chama a atenção que Francisco de Castro (1857-1901) também tem presença biográfica tanto na Academia Brasileira de Letras como na Fundação Oswaldo Cruz, pois tinha versatilidade semelhante à de seu filho^{3,4}.

Francisco de Castro, entre outras atividades, produziu detalhada obra de Propedêutica Médica, cuja sequência de publicações foi interrompida por sua morte aos 42 anos de idade. Ao tempo em que ele faleceu, seu filho, Aloysio de Castro estava no quarto ano do curso médico. A figura e personalidade de seu pai foi tão marcante que Aloysio houve por bem dar continuidade ao seu trabalho. Este fato pode ter contribuído para sua marca como clínico, tal como seu pai, ter sido maior do que outras características. Assim, Aloysio de Castro fica conhecido mais como clínico e professor de Clínica do que como neurologista. Além disso, como já foi mencionado, ambos fizeram parte da Academia Brasileira de Letras, também são lembrados como literatos.

O médico e escritor Pedro Nava (1903-1984) relatou ter ouvido do próprio Aloysio sobre o período em que estudou medicina (1898-1903), assinalando ter sido esse um tempo de extraordinária vibração, renovação e revolução no meio médico, com acirradas discussões dos professores e médicos a respeito de qual seria o provável agente causador da febre amarela⁵. Essas autoridades tinham opiniões discordantes entre si e eram seguidas por inflamados grupos de alunos do curso de medicina do Rio de Janeiro. Também, nessa mesma época, ocorreram outros fatores assinalados por Nava: as consequências da Revolta de Canudos; a irrupção da peste bubônica no Rio de Janeiro; e um evento considerado por alguns como o marco do início da cirurgia moderna no Brasil, que foi a separação de irmãs xifópagas no Rio de Janeiro em 1900 pelo cirurgião Eduardo Chapot-Prévost. Além disso, ainda segundo Nava, houve a passagem da medicina imperial tradicional para uma nova medicina com a substituição do Barão de Pedro Afonso no Instituto Soroterápico, e de Nuno Andrade na Diretoria da Saúde Pública, por um médico então pouco conhecido, Oswaldo Gonçalves Cruz, que em 1903 iniciou a campanha de erradicação do mosquito vetor da febre amarela⁵. Nesse mesmo ano da entrada de Oswaldo Cruz no serviço público, formou-se Aloysio de Castro.

Sobre a historiografia existente a respeito de Aloysio de Castro, em 2014, o médico Péricles Maranhão Filho, professor de Neurologia da UFRJ, publicou artigo intitulado “Aloysio de Castro, o precursor da neurosemiologia no

Brasil”⁶. Esse artigo informa sobre aprendizados neurológicos de Aloysio de Castro na França, após se formar em primeiro lugar na sua turma, em 1903, na Faculdade do Rio de Janeiro. Na ocasião era obrigatório que todos os formandos defendessem uma tese de “doutoramento”, que, na verdade, é algo mais próximo de um “Trabalho de Conclusão de Curso” do que é considerada atualmente uma tese de doutorado. De modo geral, essa tese de conclusão do curso espelhava algo do interesse médico no momento, bem como algumas outras características do contexto em que era elaborada⁷. Neste caso, o trabalho de Aloysio de Castro foi de qualidade excepcional, se comparado à média em geral, das assim chamadas teses de doutoramento, que perduraram como obrigatórias no final do curso, para a recepção do grau de doutor, até a década de 1930.

Devemos notar que o trabalho de doutoramento de Aloysio de Castro teve tal destaque por sua qualidade, de tal modo que ainda é atualmente reimpressa entre textos de interesse histórico, como foi o caso em que encontramos essa obra na atualidade. Ela versa sobre um tema neurológico e, tendo sido finalizada em dezembro de 1903, foi publicada em 1904. Intitula-se: “Das desordens da marcha e seu valor clínico”⁸.

Desse modo, formado aos 22 anos, com distinção, Aloysio de Castro recebeu uma carta de recomendação do Prof. Miguel Couto para ir a Paris. Chegando lá, foi recebido pelo neurologista Pierre Marie, bem como acompanhou os professores Chauffard e Widal. Além disso, participou de

atividades nos hospitais e instituições Bicêtre, Salpêtrière, La Charité, Lariboisière, Beaujon, Hôtel-Dieu. Notamos que há certo destaque na informação em torno do contato com Pierre Marie, sem dúvida, nesse momento, a figura mais forte entre esses mencionados, de modo que reforça o aprendizado em neurologia.

A partir de 1907, passou a atuar na Santa Casa do Rio de Janeiro e tornou-se chefe de Clínica Médica na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, fundada em 1881, ano em que aconteceram algumas reformas do curso médico na Faculdade do Rio de Janeiro. Embora as primeiras faculdades do Brasil tenham sido fundadas em 1808, em Salvador e no Rio de Janeiro, em 1832 elas tiveram uma primeira reforma do currículo que as aproximou das universidades francesas, já que antes eram mais escolas de cirurgia. Mais tarde, em 19 de abril de 1879, foi promulgado o decreto 7.247 por Leônio de Carvalho, ministro do Império no gabinete do Visconde de Sinimbu, promovendo a liberdade de ensino superior no Brasil. Em 1881, o Barão Homem de Mello deu sequência a esse processo e sancionou modificações no regulamento do curso médico (decreto 8.024), de modo que foram criadas as cadeiras: Obstetrícia; Ginecologia; Oftalmologia; Moléstias Cutâneas e Sifilíticas; Histologia Teórica e Prática; Anatomia e Fisiologia Patológica; Psiquiatria e Moléstias Nervosas. A partir disso, as diferentes áreas vão aos poucos ganhar foro de especialidade⁹. A cadeira que Francisco de Castro viria a inaugurar seria a Clínica Propedêutica a partir da Reforma Benjamin Constant

do ensino, isso em 1891, conforme consta na biografia citada.

Conforme vemos, o espaço institucional ao qual Aloysio de Castro ficou ligado por toda a vida na faculdade corresponde à Cadeira de Propedêutica Clínica (criada por seu pai) onde sucedera a Miguel Couto, que sucedera a Francisco de Castro.

Sobre a área ou especialidade de Neurologia, inicialmente ficou localizada na Cadeira intitulada “Psiquiatria e Moléstias Nervosas” a partir de 1881, sem ainda o nome Neurologia. A primeira instituição brasileira com a utilização do termo “neurologia” foi, em 1905, o periódico *Archivos Brasileiros de Psychiatria, Neurologia e Sciencias Affins*, fundada pelos psiquiatras Juliano Moreira e Afrânio Peixoto, no Rio de Janeiro. Depois, em 1907, associada a esse periódico, foi fundada a “*Sociedade Brasileira de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal*”, sendo que esse mesmo nome passou a ser adotado pela publicação anteriormente referida. A criação da primeira Cadeira de Neurologia do Brasil aconteceu em 1912, no Rio de Janeiro, tendo Antonio Austregésilo como seu primeiro chefe¹⁰. Portanto, o primeiro neurologista do Brasil, constituído de maneira oficial, foi Antonio Austregésilo.

Conforme relatado anteriormente, Aloysio de Castro deu início a sua atuação profissional como clínico no Rio de Janeiro, em 1907, na Santa Casa e na Policlínica. Esta instituição foi inspirada na Policlínica de Viena, a qual se destinava ao atendimento às pessoas socialmente menos

favorecidas, tal qual as Santas Casas; posteriormente, foi feito estabelecimento semelhante em São Paulo. A Policlínica do Rio de Janeiro está aqui especialmente citada porque nela Aloysio teve a possibilidade de reforçar seu lado de Clínico Geral, pois foi onde iniciou o que pode ser considerado como o “primeiro ambulatório didático do Brasil”. Nessa atividade ele conseguiu realmente inovar, na medida em que promoveu a “filmagem de pacientes”, em um momento em que a própria arte cinematográfica ainda estava no início. Nesse processo, ele chegou a produzir “cento e trinta filmes de quadros neurológicos”, com enfoque em distúrbios de marcha e de movimento. Em termos de construção da identidade de Aloysio, estas inovações colocaram-no principalmente como professor de Clínica Médica, ou Propedêutica Clínica, conforme a designação da cadeira fundada por seu pai.

Em 1908, com 27 anos, Aloysio obteve o primeiro lugar no concurso para Professor Substituto da Sexta Seção da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1909 foi empossado como Professor Catedrático de Patologia Médica. Em 1915 foi transferido para a Cátedra de “Clínica Médica”, onde ficaria até se aposentar em 1940. É interessante mencionar que ele já tinha, por essa época e que se acentuaria mais adiante, uma postura contra o excesso de exame laboratoriais e a favor da semiologia aprimorada.

Podemos ver então que quando, em 1914, ele lançou o primeiro livro sobre semiologia do sistema nervoso intitulado “Tratado de Semiótica Nervosa”, já havia sido fundada a

primeira Cátedra de Neurologia do Brasil em 1912, por Antonio Austregésilo. No entanto, quando se formou, em 1903, Aloysio fez de uma tese de doutoramento que resultou em verdadeiro livro sobre neurologia. Depois, quando ele voltou ao Brasil em 1907, pode aplicar seu aprendizado neurológico e clínico onde trabalhava, ensinava e, de forma inovadora, filmava.

Ainda em 1914, Aloysio de Castro tornou-se diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1915 assumiu a chefia da Cátedra de Clínica Médica da mesma Faculdade, onde ficou até 1940. Em 1935, foi lançada uma segunda edição do livro, que será mais adiante explicada. Após se aposentar em 1940, aos 59 anos, durante o resto de sua vida, de quase vinte anos, compôs músicas, escreveu textos e livros e participou de eventos científicos. Faleceu em 1959.

Parece-nos, assim, que ele talvez possa até ser considerado como o primeiro neurologista brasileiro antes da instalação institucional da Neurologia.

O Livro Tese de Aloysio de Castro⁸

A obra intitulada “Das Desordens da Marcha e seu Valor Clínico” tem o subtítulo de “tese apresentada à Faculdade de Medicina e Aprovada com distinção”. Foi republicada por *Forgotten Books*, que busca a reimpressão de obras reconhecidas no passado. Abaixo do nome de seu autor consta a frase: “Ex-interno da Clínica do professor Francisco de Castro (1901) e do professor Miguel Couto (1902-1903)”.

Em forma de livro, essa publicação foi feita em 1904, por Laemmert e Companhia Editores, do Rio de Janeiro.

Em seu prefácio, além de Francisco de Castro e Miguel Couto, Aloysio agradece aos professores Oscar de Souza, Chapot-Prévost, Francisco Fajardo, Miguel Pereira e Dias de Barros. O livro é dividido da seguinte forma: Considerações Gerais; Capítulo I, dos métodos de exame aplicáveis ao estudo da locomoção normal e patológica; Capítulo II, Fisiologia da Locomoção Humana, dividido em parte 1 – das atitudes do corpo em repouso, parte 2 – efeitos dinâmicos: locomoção; Capítulo III – Valor Clínico das Desordens da Marcha, dividido em parte 1, Disbasias unilaterais, parte 2, Disbasias bilaterais. O livro tem mais de trezentas e cinquenta citações bibliográficas.

Em Considerações Gerais, o autor inicia com a mecânica animal e chega ao ser humano, explicando todos os constituintes do corpo que participam dessa mecânica, usando inclusive dados numéricos e cálculos em relação aos elementos que compõem essa atividade. O autor faz a citação de autores europeus, principalmente franceses e alemães, incluindo citações na língua original.

No Capítulo I, sobre os métodos de exame da marcha, o autor menciona diversos estudiosos franceses e alemães e suas tentativas de registrar a marcha, até que chega à utilização da fotografia aplicada a técnicas apuradas, no intuito de captar adequadamente a marcha. Ele menciona Marinesco, que em Congresso de 1900 apresentou o então

inovador cinematógrafo como forma mais efetiva e simples de registrar a marcha.

No Capítulo II, Parte 1, o autor apresenta as atitudes do corpo em repouso, ou, como ele disse, a "estática do organismo humano". Ele explora bastante a literatura a respeito de estudos diversos sobre a estrutura do corpo em relação a suas partes e as forças diversas que atuam sobre essas partes. Na Parte 2, sobre a locomoção, vai a detalhes, inclusive com a presença de fotografias da marcha normal feitas por Richer e Londe, que foram colocadas em seu livro. A seguir, Aloysio detalha, acrescentando cálculos matemáticos, diversos aspectos da marcha, incluindo gráficos e figuras. Adentra ao que chama de psicofisiologia da marcha. Depois às funções do cerebelo, impressões visuais, tátteis e labirínticas. Em seguida discorre sobre diversos debates em torno do que seria depois designado (mas não nesse livro) como propriocepção, e neste livro é chamado de "sentido muscular", embora frisando envolvimento de tendões e articulações na citada percepção. Nesse trecho, o autor usa três vezes a palavra "neurologia" para se referir a alguns estudiosos. Discute as noções de "função cinestésica", de "sentido estereognóstico" e a então tida como consagrada "percepção estereognóstica". Conforme o autor, a explicação do sinal de Romberg ainda passava por debates, embora, na maioria das vezes, se aceitasse a correlação com o assim chamado "sentido muscular".

No Capítulo III, o autor discorre sobre o valor clínico das desordens da marcha. Lembra que, apesar da maioria das alterações ser de origem nervosa, há as que não são. A seguir, apresenta a classificação de Blocq para as alterações de marcha. Essa classificação divide as disbasias em: motoras, sensitivas, psíquicas e tróficas. As motoras são divididas em: acinética, paracinética, hiperacinética. As sensitivas são: anestésica, parestésica, hiperestésica. As psíquicas são: afuncional, parafuncional, hiperfuncional. As tróficas são: atrófica, paratrófica, hipertrófica.

Por sua vez, o próprio Aloysio de Castro expõe uma classificação feita por ele mesmo, classificação essa que chama de “patogênica”. É dividida em: disbasias neuropáticas e disbasias miopáticas. As neuropáticas são divididas em centrais (funcionais e orgânicas) e periféricas (funcionais e orgânicas). As miopáticas são divididas em primitivas e secundárias.

Depois cita classificações de outros autores como a de Biondi, Dercum e Mitchell: andar atáxico, andar espástico, andar paralítico. Ou a classificação de Fazzio e Sgobbo: disbasia tipo cerebral, espinal cerebelar e de localizações várias e mal definidas, sendo que se aplicam às marchas paralítica, espástica e atáxica. A de Gilles de la Tourette: disbasias unilaterais e bilaterais.

Para fechar as classificações, Castro passa então ao que chama de “classificação clínica” que se divide em disbasia unilateral e disbasia bilateral. A unilateral se compõe de flácida (tipo doloroso e tipo paralítico) e espasmódica. A

bilateral se divide em: retilínea, titubeante e tipos combinados. A retilínea tem os tipos flácida (paraplégica, atáxica, escarvante, miopática, abásica) e espasmódica. Esta (espasmódica), por sua vez, se compõe de tônica (paraplégica, miotônica, parkinsoniana, atetósica) e clônica (saltatória; coreica). A titubeante pode ser do tipo flácida ou espasmódica.

Em seguida, o autor entra na parte 1 do capítulo III, sobre as disbasias unilaterais. Nas unilaterais flácidas, cita as causadas por dores em membros inferiores: lesões em nervos periféricos, como a meralgia parestésica, ou ainda a dor ciática, com o deslocamento do tronco mais frequentemente para o lado oposto e eventualmente para o mesmo lado; e escoliose histérica. Cita também paralisias de músculos da coxa; paralisia do tríceps sural com dificuldade de ficar na ponta dos pés; defeitos na flexão dorsal e plantar dos artelhos; variações no aspecto do pé, como o pé *varus equino*. Refere, então, as disbasias das hemiplegias, nas formas flácida ou espasmódica, bem como na hemiplegia histérica. Após vários detalhamentos, o autor volta à hemiplegia assim dita “espasmódica”, que corresponde à marcha ceifante. A seguir, refere detalhamento dessa marcha a partir da cinematografia de Marinesco.

Ao entrar na parte 2 do capítulo III, sobre as disbasias bilaterais, o autor as correlaciona mais ao âmbito medular. Cita as mielites difusas na paraplegia flácida. Refere a marcha atáxica da tabes dorsalis. Castro ainda relata que há dois tipos de ataxia: de origem periférica e de origem central.

Nas disbasias da polineurite se refere a marcha do “pisar do galo”, com ambos os pés caídos. Associa esse quadro a intoxicação alcoólica crônica, arsenismo, saturnismo, hidrargirismo, intoxicação sulfono-carbonada, diabetes, moléstias infecciosas, beribéri. Chama de pseudotabes alcoólica à marcha que passaria a ser chamada depois de ebriosa. O estudo das miopatias levantava várias discussões. O autor explica então a marcha miopática, mencionando a marcha anserina. A seguir passa à astasia-abasia, em casos de quadros intermitentes. Cita as abasias: trepidante, parética e coreiforme. Depois, a basofobia e a agorafobia. Refere, então, a marcha miotônica da moléstia de Thomsen. Na marcha da “paralisia agitante” cita estudo de Richer sobre o “lado plástico da moléstia”, descrito pelo autor, que mais adiante chama de moléstia de Parkinson. Cita ainda a marcha dos quadros lacunares e da paralisia pseudo-bulbar a pequenos passos, que num primeiro momento poderiam ser confundidas com a de Parkinson. Relata as marchas espasmo-atetósicas onde o doente anda nas pontas dos pés. Em situações de “espasmo saltatório”, ou moléstia de Bamberger, correlaciona-os, na maioria dos casos, à histeria. Detalha o andar coreico de Sydenham ou de Huntington, bem como a coreia arrítmica histérica. Finaliza com o desequilíbrio vertiginoso em casos de moléstia de Mèniere crônica.

Livro “Semiótica Nervosa” de Aloysio de Castro¹¹

Esse livro tem como subtítulo “Semiótica das formas exteriores e das perturbações motoras”. Consta como segunda edição revista e aumentada. Foi publicado por F. Briguiet e Cia. Editores, Rio de Janeiro, 1935. A primeira edição foi de 1914.

No livro de 1935, o autor é referido como “Professor de Clínica Médica da Universidade do Rio de Janeiro. Membro da Academia de Medicina de Paris, da Sociedade de Neurologia de Paris, da Academia Nacional de Medicina e da Sociedade Brasileira de Neurologia. Médico do Hospital da Misericórdia e da Policlínica Geral”.

No Prefácio, o autor diz que, nos últimos vinte anos, a neurologia talvez seja o ramo da medicina que tenha mais se aperfeiçoado. Castro prossegue, se expressando com desenvoltura no campo neurológico. Refere a novidade das moléstias do sistema extrapiramidal, que foram estudadas a partir da encefalite epidêmica. Compara seu caráter proteiforme às variantes da assim designada “antiga histeria”. Fala no estudo da hipertonia e das atrofias musculares. Refere-se a aumento na quantidade de ilustrações sobre pacientes por ele examinados no transcorrer de trinta anos. Os casos provêm do Serviço de Clínica Médica, que dirige na Policlínica Geral do Rio de Janeiro desde 1907, da antiga enfermaria de mulheres, dita 20^a do Hospital da Misericórdia, que comandou de 1916 a 1922. Cita também a 5^a enfermaria desse mesmo hospital, cuja chefia assumiu “neste mesmo ano” (1934/35).

Ele acentua o valor das fotografias em um livro desse tipo. Refere então ter ouvido de Pierre Marie, muitos anos antes, sobre ele ter o hábito de fotografar sistematicamente todos os pacientes, por meio do que se referiu a “fatos novos e novas observações”.

Aloysio de Castro acentua também que, desde 1912, passou a empregar reproduções cinematográficas de distúrbios motores por ele examinados. Enfatiza a utilidade didática de tal método, documentando, assim, casos clínicos raros. Além disso, novas filmagens podem acompanhar a evolução do quadro enfocado. Embora sendo um método caro, Aloysio insiste no valor dessa forma de documentação. Assinala também a conveniente permuta desse material com instâncias nacionais e internacionais. Nessa linha, ele faz sua primeira citação bibliográfica que é um artigo publicado por ele intitulado “*L’application de la cinématographie à l’étude des maladies nerveuses*” na *Revue International du Cinéma éducateur*, 1929, p.417. Agradece, então, aos médicos professores Josias de Meira Gama, Arthur de Vasconcellos, Eugênio Coutinho e Dionisio Cerqueira. No prefácio da primeira edição, Aloysio de Castro refere-se ao inconcluso “Tratado de Clínica Propedêutica” de seu pai, que, ele, embora continuando, de alguma forma, neste livro neurológico, diz já não ser exatamente uma continuação da obra de Francisco de Castro.

Na seção intitulada Considerações Gerais, o autor refere todos os avanços dos estudos patológicos, bem como os correlacionados com o desenvolvimento da neurocirurgia,

onde entra em detalhes. No Capítulo I, explica a Semiótica das Formas Exteriores. No II, a Semiótica das Disbasias. No III, a Semiótica das Modificações do Tono Muscular. No IV, a Semiótica dos Movimentos Involuntários. No V, a Semiótica das Paralisias, sendo dividido em V. I, Paralisias Orgânicas; e V.II, Paralisias Funcionais. As Paralisias Orgânicas são divididas em Paralisias por lesão do Neurônio Motor Central e do Neurônio Motor Periférico. As de Neurônio Motor Central dividem-se em: de origem encefálica; de origem medular. Nas do Neurônio Motor Periférico, ele divide em: dos Nervos Cranianos e dos Nervos Raquianos. No Capítulo VI, aborda a Semiótica das Atrofias Musculares nas partes: Amiotrofias Deuteropáticas e Amiotrofia Protopática. No VII, a Semiótica das desordens da coordenação dos movimentos e do equilíbrio, que compreende: Ataxias; Vertigens.

Presença na Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal

Conforme a informação inicial sobre Aloysio de Castro no livro de Semiótica Nervosa, está apontado que ele fazia parte da Sociedade Brasileira de Neurologia. Provavelmente deve-se tratar da “Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal”, cujas reuniões duraram de 1907 a 1933. O livro deve ter sido composto até 1934, para ser publicado em 1935. As últimas publicações dessa sociedade foram feitas em 1934, nos últimos exemplares do periódico “Neuriatria e Psychiatria”. Portanto, é provável que ainda não houvesse uma oficialidade do fim dessa sociedade, de modo que o

autor constou ainda como membro dessa associação. Aloysio de Castro foi admitido nessa Sociedade no período entre 1908 e 1915, constando como médico generalista e como professor de Clínica Médica, mas não como neurologista, o que também chama a atenção, embora outros “não neurologistas” também constem como membros. Ele teve participações nas sessões da Sociedade em 1919, mais especificamente com uma Comunicação sobre “Histeria infantil” e em 1929, no Terceiro Congresso da Sociedade com o tema “Demonstrações cinematográficas dos reflexos”. Ele é mencionado como membro da Seção de Neurologia da Sociedade nos anos de 1915, 1916, 1917, 1918, 1923 e 1924. Ele não constou entre os vinte e seis membros que mais frequentaram as reuniões entre 1908 e 1933¹².

O livro sobre Augusto Murri e a Medicina Clínica¹³

Em 1934, foi publicada a assim chamada “preleção” que Aloysio de Castro fez para a 4^a Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina em 1933, intitulada “Augusto Murri e a Medicina Clínica”, em virtude do recente falecimento desse professor de Bolonha, em fins de 1932. O autor faz diversas considerações interessantes, inclusive sob o ponto de vista filosófico, a respeito da atividade clínica ensinada pelo professor Murri. Mas, aqui vamos acentuar apenas as menções neurológicas. À página onze, Castro menciona o valor singular da descoberta do sinal de Babinski em 1896, no contexto do raciocínio clínico. À página 44, cita a publicação de Murri de 1908, intitulada “Lições de Clínica

Médica”, onde, então, refere que o conhecimento da fisiologia do cerebelo avançou com Luciani e com Murri e escreve, então, a frase: “E a neurologia moderna, pondo em evidência numerosos fatos novos nas síndromes cerebelares, encontrou nas lições de Murri sobre os tumores do cerebelo numerosos elementos de observação que o tempo não destruiu”.

DISCUSSÃO

Conforme foi observado nos documentos históricos referidos anteriormente, Aloysio de Castro transitava com facilidade e desenvoltura no território neurológico, embora sempre tenha sido referido como professor de Clínica e de Semiologia/Propedêutica. É notório que o fato de ser filho de Francisco de Castro pesou na possibilidade de ele, Aloysio, vir a ser continuador da obra de seu pai, que faleceu no auge de sua própria produção profissional. Mortes como a de Francisco de Castro levam sua personagem a categorias míticas e lendárias, que marcam sua figura na História da Medicina Brasileira. Nessa linha, foi ele considerado professor e profissional de destaque singular.

A tese de doutoramento de Aloysio de Castro pode inferir certa preferência deste pelo campo da Neurologia, no que ele prossegue, talvez mesmo porque foi possível estudá-la e desempenhá-la permanecendo dentro do âmbito da Clínica Geral. Sobre ser ou não o “primeiro neurologista” surgido no Brasil, isso pode ser debatido, já que ser o primeiro pode eventualmente implicar em ser “o primeiro

oficialmente”. Como já debatemos em artigo sobre a construção da História da Ciência, o que ocorrem, na verdade, são processos, com várias personagens participantes desses mesmos processos, que acabam tendo um indivíduo que, em seu *Zeitgeist* (espírito do Tempo) acaba ficando como uma espécie de “fundador”, ou de “pai” da invenção, fundação, descoberta de algum evento que acaba se tornando “principal”. Nessa cadeia de eventos ocorrem várias personagens menos marcantes, antes e depois do que podemos chamar de “descoberta/invenção oficial”¹⁴.

A partir dessa reflexão, podemos inserir Aloysio de Castro entre os neurologistas, talvez sendo o primeiro neurologista no Brasil, ainda antes do início oficial da especialidade, inclusive como membro da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, que foi fundada antes mesmo da cadeira de Neurologia. A conjunção das especialidades dessa Sociedade pode sugerir que, nesse momento, os profissionais de tais áreas intercambiavam seus trabalhos circulando entre elas. O dado de passar a usar a palavra “neurologia” em lugar de “moléstias nervosas” já pode falar em favor de um novo campo de atuação, que vem mencionado na tese de 1903 de Aloysio de Castro. Embora ao se formar ele já tivesse um bom discurso neurológico, como pode ser visto no livro publicado em 1904, após seus estudos, principalmente com Pierre Marie, a partir de 1907 aproximadamente, talvez ele possa ser considerado o

primeiro médico brasileiro com condições de ser considerado um “neurologista” no seu conhecimento e no seu proceder.

Há que se fazer aqui grande destaque para o método cinematográfico utilizado por Aloysio de Castro como importante inovação, já em torno de 1912, precedendo no tempo a métodos contemporâneos de registro de imagem e utilizados para ensino e pesquisa, que contam atualmente com as tecnologias mais recentes. Dessa forma, o pioneirismo do autor é notório, inclusive ressalvando-se as dificuldades técnicas que podem ter aparecido no transcorrer de tais gravações. Conforme Maranhão, tais filmagens se perderam.

Eventualmente poderiam ser discutidos mais amiúde os conteúdos dos escritos de Aloysio de Castro, mas o intuito deste artigo é debater o lado “neurologista” desse professor. De qualquer forma, por suas citações e digressões, podem ser considerados bastante adequados seus escritos sobre a Semiologia Neurológica, que ele chamou de Semiótica Nervosa.

O livro sobre Augusto Murri permite apresentar a fala de Castro em um contexto já não estritamente semiológico, onde ele faz alguns comentários sobre Neurologia, demonstrando também aí sua facilidade de escrever a respeito de assuntos neurológicos.

REFERÊNCIAS

1. Fundação Oswaldo Cruz. Aloysio de Castro - Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970). (endereço na Internet). Disponível em:

https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/CASTRO,_ALOYSIO_DE

2. Academia Brasileira de Letras. Aloysio de Castro - Biografia. (endereço na Internet). Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/alosio-de-castro/biografia>
3. Fundação Oswaldo Cruz. Francisco de Castro - Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970). (endereço na Internet). Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/wiki_dicionario/index.php/CASTRO,_FRANCISCO_DE
4. Academia Brasileira de Letras. Francisco de Castro - Biografia. (endereço na Internet). Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/francisco-de-castro/biografia>
5. Nava P. A Medicina de Os Lusíadas e Outros Textos. In: Penido P (org.). Pedro Nava: O Anfiteatro – para estudantes de medicina. Cotia: Ateliê Editorial; 2004; pp.83-7.
6. Maranhão-Filho P. Aloysio de Castro, o precursor da Neurosemiologia no Brasil. Rev Bras Neurol 2014;50:66-9. <http://files.bvs.br/upload/S/0101-8469/2014/v50n3/a4476.pdf>
7. Neves AC. O Emergir do Corpo Neurológico: Neurologia, Psiquiatria e Psicologia em São Paulo a partir dos periódicos médicos paulistas (1889-1936). São Paulo: Editora Companhia Ilimitada; 2010; p.77.
8. Castro A. Das Desordens da Marcha e Seu Valor Clínico: These Apresentada a Faculdade de Medicina e Approvada Com Distincção (1904). Rio de Janeiro: Forgotten Books, 2018.
9. Neves AC. O Emergir do Corpo Neurológico: Neurologia, Psiquiatria e Psicologia em São Paulo a partir dos periódicos médicos paulistas (1889-1936). São Paulo: Editora Companhia Ilimitada; 2010; pp.65-6.
10. Neves AC. O Emergir do Corpo Neurológico: Neurologia, Psiquiatria e Psicologia em São Paulo a partir dos periódicos médicos paulistas (1889-1936). São Paulo: Editora Companhia Ilimitada; 2010; pp.131-5.
11. Castro A. Semiótica Nervosa. 2ª Edição. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores; 1935.
12. Cerqueira ECB. A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933) (Dissertação). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz; 2014; pp.196-226. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/20453>
13. Castro A. Augusto Murri e a Medicina Clínica. Rio de Janeiro: Editora Guanabara; 1934.
14. Neves AC. The Theory of Primordiality: A Transdisciplinary Approach to Paradigms in the History of Science. Recima 2022;3:1-17. <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i9.1883>